

PRECONCEITO NOS CONTOS DE FADAS: DA TEORIA À TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

PRECONCEPTION IN FAIRY TALES: FROM THEORY TO IMPLEMENTATION TEACHING

Clarice Borges da Silva Oliveira¹
Eliziane de Paula Silveira Barbosa²

Resumo: A Secretaria Municipal de Educação de Bernardo Sayão – TO promoveu formação continuada objetivando refletir sobre Clássicos da Literatura utilizados na Educação Infantil. O trabalho teve caráter de pesquisa bibliográfica com busca de subsídios teóricos e de campo através de palestra para sensibilização dos educadores quanto ao preconceito existente nos contos de fadas e de oficinas didáticas para transposição teoria-prática. Conforme Campos e Couto (2009), as quais fundamentam que nos contos de fadas há uma intenção de transmitir determinados padrões sociais, entre eles: noção de pertencimento social, sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que faz com que as pessoas sintam-se participantes de um espaço/tempo, ocupando o seu lugar de destaque na sociedade. Diante dos trabalhos realizados foi possível refletir a complexidade dos contos e sua ação no imaginário infantil desmistificando questões sobre o preconceito.

Palavras-Chave: preconceito; contos de fadas; imaginário.

Abstract: The Municipal Bernardo Sayão Education - TO promoted continuing education aiming reflect on Literature Classics used in kindergarten. The study had a literature character with search theoretical basis and field through lecture to raise awareness of teachers about the existing preconception in fairy tales and educational workshops for theory and practical implementation. As Campos and Couto (2009), which establish that in fairy tales there is an intention to transmit certain social standards, including: notion of social belonging, membership feeling the common principles and worldviews that makes people to feel participants in a space-time, taking its prominent place in society. On the work carried out was possible to reflect the complexity of the stories and their action in the infant imaginary demystifying issues about preconception.

Keywords: preconception; fairy tale; imaginary.

Introdução

Mediante o convite da Secretaria Municipal de Educação de Bernardo Sayão-TO para ministrar uma formação continuada, através de uma palestra e oficina pedagógica, realizamos pesquisa bibliográfica sobre a temática: o preconceito nos contos de fadas. Formação que se

¹ Graduada em Pedagogia – UEPA, Pós-graduada em Psicopedagogia – IBPEX, Coordenadora Pedagógica no Centro de Ensino Médio Presidente Castelo Branco em Colinas do Tocantins - TO, clajoci@hotmail.com.

² Graduada em Letras – FIESC/UNIESP, Pós-graduada em Leitura e Produção Escrita – UFT, Técnica de Currículo de Língua Portuguesa na Diretoria Regional de Ensino em Colinas do Tocantins- TO, elizianepsb@hotmail.com.

caracterizou em um momento privilegiado de estudo e reflexão sobre os Clássicos da Literatura utilizados na Educação Infantil, tendo como público os Professores vinculados a esta Secretaria.

Reconhecemos aqui, os Contos como construtores de uma ligação entre o imaginário e o real, onde podemos notar o dinamismo das diversas culturas e demonstrar a estrutura da realidade social. Além de funcionar como um espaço de significados, aberto às emoções, ao sonho e à imaginação, funcionando como elemento importante para que a criança pense a sua condição, sua identidade e seu pertencimento social, através do qual faz emergir conflitos e valores que, de outra maneira, talvez a criança não pudesse expressá-los e representá-los.

Compreensão que nos instigou a ampliar as leituras para realizar trabalho de campo através de uma palestra com o objetivo de refletir como a leitura dos contos de fadas atua no imaginário infantil, influenciando os pensamentos e a construção da identidade social da criança. Além da oficina didática para sensibilização dos educadores quanto ao preconceito existente nos contos de fadas e transposição da teoria para a prática em sala de aula. Trabalho este, que Campos e Couto justificam sua importância pelo fascínio que os Contos exercem sobre os leitores infantis:

As crianças demonstram interesse por este tipo de leitura porque, de alguma forma, apresenta soluções para seus medos, dúvidas e angústias. Medo de ser abandonado pelos pais, de ficar em lugares escuros, de bichos, de não ser aceita e tantos outros. Em contato com essas leituras a criança projeta seu mundo nos personagens e estes atuam de modo a colaborar na resolução desses sentimentos e conflitos. (CAMPOS; COUTO, 2009, p. 2)

Confirma, assim, a importância da análise de forma crítica dos Contos de Fadas. Neste trabalho apresentaremos os subitens: Ideologia dominante, ausência dos heróis negros, conceito de beleza racismo negro e preconceito que foram discutidos no trabalho de formação continuada com os Professores de Educação Infantil, como processo metodológico para despertar a criticidade quanto ao preconceito presente nos Contos de Fadas e sensibilização dos professores, para a transposição didática da teoria à prática em sala de aula.

1. Desenvolvimento

1.1. Ideologia dominante

De acordo com a visão marxista a sociedade, por ser heterogênea, é constituída por classes sociais, as quais se mantêm por intermédio dos pensamentos daqueles que possuem o controle nos meios de produção: as elites.

Aqui iremos conceituar ideologia como a união de ideias, de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos, ligadas a ações políticas, econômicas, morais e sociais. Conceito este refletido pelo filósofo alemão Karl Marx, que ligava a ideologia aos sistemas criados pela classe social dominante, cujo objetivo apresenta-se como: manter os mais ricos no controle da sociedade.

Atualmente, podemos indagar a ideologia dominante como responsável por condicionar o consumo, o conceito de belo, a identidade social, entre outros, ao apontar que, por ser hegemônica, tende a passar despercebida e ignorada. Proporcionando que as pessoas aceitam, facilmente, o que a ideologia dominante impõe, representando uma personagem que perpetua a não-identidade de cada indivíduo.

Vale destacar que, o modo de vida, os julgamentos, as escolhas feitas são de responsabilidade do que é inculcado diariamente através da convivência com os diversos grupos sociais, do que se lê, escuta, assiste e nos reproduz. Concernente a partir dos, meios de comunicação de massa, na mídia moderna: redes sociais, televisão, jornais, revistas, rádio, cinema, games e outros.

Assim, a sociedade contrapõe-se a formação de uma individualidade na medida em que assume a negatividade da existência. É neste sentido que na análise dos Contos Clássicos, a partir dos estereótipos de seus personagens, contextualizamos a metodologia de trabalho do professor da Educação Infantil como fundamental resistência,³ visualizada a possibilidade de manifestação de uma individualidade pensada sob a negação de uma experiência reflexiva, pelo indivíduo, de sua própria condição.

1.2. Ausência dos heróis negros

Encontra-se refletido por diversos autores e descrito através de diferentes pesquisas que o povo negro é discriminado em todos os cantos do planeta onde os brancos são maioria.

³Resistência é uma das categorias abordadas por Adorno (1995) para o ideal da educação emancipatória. Significa que para estar presente no pensamento e na prática educacional, deve ser considerada a influência da ideologia dominante ao tentar encobrir a consciência do que realmente existe, ultrapassando da adaptação imposta ao existente para fortalecer a contradição.

Assim, faz-se necessário ao professor refletir sobre sua sala de aula. Por mais que se preocupe em tratar a todos da mesma maneira, será este território neutro? Ou os negros continuam sendo discriminados?

Nesta reflexão encaixam-se, perfeitamente, os livros que as crianças leem. Aqui, tratando-se dos alunos de Educação Infantil, analisamos os Contos de Fadas que na produção da Disney cria e fortalece ideias equivocadas sobre o amor romântico e, em especial, as interações sociais. Com alguns estereótipos que podemos observar: “A fada, a princesa, a mocinha são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada (...). O mocinho, o príncipe, é alto, corpulento, forte, elegante” (ABRAMOVICH, 1994, p. 36-40).

Estereótipo que pode ser analisado como uma estratégia de fixação de identidades e demarcação da diferença como forma de exclusão. Uma vez que, as características físicas dos personagens se sobrepõem às características emocionais, enaltecendo a aparência e descaracterizando a essência do ser humano.

Silva (2000) diz que, a diferença e a identidade são relações sociais sujeitas às forças de poder, produzidas na diferenciação com que a sociedade se produz e se organiza; como: exclusões, inclusões, demarcação de fronteiras, classificações e normalizações. Assim, identidade e diferença podem ser interpretadas como afirmações, aceitas socialmente, de quem pertence ou não, de quem é diferente ou não, de quem é normal ou não.

Acrescenta ainda que “Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis em relação às quais outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única”. (SILVA, 2000, p. 83).

Nota-se assim que, não é comum os contos de fadas mostrarem famílias negras de classe média, felizes e bem-sucedidas, ou príncipes, reis e rainhas que sejam negros. O que se configura em um problema, pois as crianças negras são despertadas para o prazer da leitura sem ver sua raça representada de forma positiva nas páginas dos livros.

Os contos ajudam as crianças a construir sua identidade em um processo de transferência ao se transportarem para o lugar dos heróis e vivenciarem as sensações dos personagens. Esta ausência da imagem do negro, com características positivas e valorizadas socialmente, pode ser percebida como o reforço para o sentimento de inferioridade e auto-

rejeição como consequências comuns na autoestima de quem não se reconhece nas histórias contadas na escola.

1.3. Racismo negro e preconceito

Para a apresentação dos conceitos de racismo e preconceito ao negro, mesmo em forma breve faz-se necessário, em premissa destacar a visão sob a qual se assenta tais acontecimentos.

Encontra-se em Jhonson (1997, p. 101) as definições para o termo etnocentrismo que ressaltam dois sentidos, sendo o primeiro considerado como uma cegueira para as diferenças culturais e o segundo é o julgamento negativo de membros de uma cultura sobre todas as outras. Ainda ressalta que, “[...]o etnocentrismo torna-se um problema na medida em que distorce a maneira de ver outras culturas, sobretudo quando usado ideologicamente como base para opressão social.”

Convém mencionar que a antropologia explicita que as culturas são diferentes e que existe uma variação entre as pessoas na consciência desse fato, na sua aceitação. Nesta falta de consciência e aceitação que posicionamos o racismo e o preconceito.

Silva apresenta também como definição que:

Racismo é a atitude tida por aquele que tem algum tipo de preconceito em relação a indivíduos de outras raças, podendo esta atitude variar desde uma pequena aversão ao convívio com pessoas de determinadas raças até à crença na superioridade de uma raça sobre as outras. (SILVA, 2007, p. 3)

O racismo, então, não deve ser analisado como uma teoria científica e sim um conjunto de opiniões prévias para valorizar as diferenças biológicas entre os seres humanos. Posicionamento que durante a história da humanidade foi utilizado para justificar o domínio de alguns povos sobre outros acarretando em escravidão e genocídio.

De acordo com Bueno (1986) “Preconceito, s.m. Conceito antecipado e sem fundamento razoável; opinião formada sem reflexão; superstição; prejuízo.” E “Racismo, s.m. Teoria da pureza da raça ou da separação das mesmas, usada para fins políticos e segregacionismo”.

Para fins didáticos e efeito de análise dos contos clássicos podemos conceituar o preconceito como uma atitude discriminatória que baseia em conhecimentos surgidos em determinado momento como se revelassem verdades sobre pessoas indicando

desconhecimento pejorativo de alguém, ou ainda minimizando as qualidades ao que lhe é diferente.

Sabe-se que os tipos de preconceito são vários, assim podemos citar: Preconceito racial, preconceito quanto à classe social, preconceito quanto à orientação sexual, preconceito quanto à nacionalidade, preconceito contra deficientes e preconceito entre religiões.

Parafraseando Campos e Couto que afirmam:

Nos contos de fadas há intenção de transmitir determinados valores ou padrões sociais que devem ser respeitados pela comunidade. (...). Entre os valores transmitidos está a noção de pertencimento social – sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, que faz com que as pessoas sintam-se participantes de um espaço/tempo, ocupando o seu lugar de destaque na sociedade. (CAMPOS; COUTO, 2009, p. 4)

Então, faz-se necessário que, a formação dos professores seja crítica e reflexiva em relação ao que é lido em sala de aula, assim como a atuação do Professor da Educação Infantil e de todo profissional de educação que deve assumir o papel de mediador em uma prática de ação/investigação. Em que seja feita leitura analítica da história, analisando todo seu contexto, a possível formação de identidades, a presença de preconceitos, valores e padrões preestabelecidos que são apropriados pelas crianças, de modo explícito ou implícito.

1.4. Conceito de beleza

O que é o belo? Como o conceito de beleza é formado? Quem dita os padrões de beleza? São questões relevantes neste contexto de análise dos contos de fadas e sua interferência em padrões seguidos e valorizados socialmente.

Os historiadores remontam ao século V a. C. para uma melhor compreensão do conceito de beleza, pois foi no período de ascensão de Atenas que os gregos passaram a ter percepção do belo estético, ao compasso que, ocorria o desenvolvimento das artes, cujas imagens representavam a “beleza ideal”.

Neste contexto o corpo humano feminino belo era composto por formas harmônicas e proporcionais entre as partes. Assim, beleza passou a ser sinônimo de proporção.

No século I a. C. a beleza era qualidade do corpo masculino, especialmente do homem rico, másculo e grego, corroborado por somente o homem ter direito à cidadania, ou seja, vida política.

Entretanto, na modernidade nos encontramos ainda em face desta discussão: o caráter inquestionável da beleza. O fato é apenas uma questão que aponta o quão ditatorial são determinados padrões impostos. O que é revelado por meio da valorização e desvalorização. Ao passo que caracteriza a importância da presença de diversificados personagens, com diferentes características nos contos de fadas a serem trabalhados em sala de aula com as crianças.

Numa sociedade com estratos tão definidos, podemos afirmar que a elite, que possui o poder, determina o bonito e o feio. Na sociedade atual, o padrão de beleza continua associado a quem tem o poder, especialmente o poder econômico.

No contexto dos Contos de Fadas podemos analisar o que acontece com o conto: A Bela e a Fera, história escrita por Jeanne-Marie Leprince de Beaumont. Cabe aqui fazer a análise do conto com foco em relação aos diferentes; no caso de Bela e Fera.

A Fera é um personagem que sofre com sua aparência monstruosa e grotesca, que por sua vez, assemelha-se a um animal. A imagem de Fera é enraizada no imaginário infantil pela divulgação da Disney em sua versão para o cinema do conto, que é muito conhecida. Vale destacar que a feição “bruta” e “grotesca” de Fera é mais uma forma de fixar uma identidade através da utilização do estereótipo. Por não ser tão delicado e com feições europeias como Bela, as características de Fera são ressaltadas exatamente por essa falta, transformando-a em um ser ruim e malvado.

2. Metodologia

Para a concretização do trabalho de Formação Continuada com Professores da Educação Infantil, sobre o preconceito nos Contos de Fadas, a metodologia utilizada no primeiro momento a pesquisa bibliográfica para a busca de subsídios teóricos. No segundo, foi possível realizar trabalho de campo onde ministramos palestra com os subtemas já descritos e oficina didática para o planejamento em pequenos grupos onde cada dupla escolheu uma história, ou seja, um livro para elaborar um planejamento para sua turma valorizando a leitura e a cultura afro-brasileira.

Em seguida, houve a exposição das atividades planejadas em plenária. Este momento foi importante para a observação da transposição da teoria para a prática a ser aplicada em sala, além de perceber o envolvimento e a surpresa dos professores que não haviam pensado a

questão da perpetuação e/ou transformação de questões ligadas ao preconceito a partir dos Contos de Fadas.

Quanto aos materiais utilizados foram: papel chamex, livros infantis, canetas e os Contos Clássicos: Chapeuzinho Vermelho, A Branca de Neve, A Bela e a Fera, Os três porquinhos, Rapunzel, João e o pé de feijão, A Cinderela, entre outros.

3. Considerações finais

Pesquisar sobre os Contos de Fadas é algo fascinante. A magia e o encantamento que este gênero exerce sobre crianças e, também em adultos, é capaz de provocar o prazer pela leitura das imagens e das palavras, promovendo para que sejam lidas e relidas várias vezes. Certamente tem participação em relação ao desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicológico, provocando alegria e prazer, sentimentos e emoções o que confirma a importância da discussão apresentada por meio de formação continuada de professores da Educação Infantil em Bernardo Sayão - TO.

A proposta deste trabalho foi refletir a complexidade dos contos de fadas e sua ação no imaginário infantil desmistificando questões sobre o preconceito, sensibilizando os professores para realizar a transposição didática em sala de aula a partir da elaboração dos planos para sua turma valorizando a leitura e a cultura afro-brasileira.

Esta pesquisa/ação corrobora com o pensamento de que a educação escolar possui, desde seu início, papel fundamental como espaço problematizador de tais mensagens, atribuindo ressignificação aos discursos superados ou, pelo menos, contestados. Os contos de fadas não são meramente leituras destinados a entreter o público infantil, mas também suportes com conteúdos que envolvem crenças, ideologias, estereótipos e conceitos dos mais variados, pois são produções culturais que não são neutras e trazem características dos contextos históricos e sociais nos quais surgiram ou foram inseridos. Ao mesmo tempo em que diverte, instiga e envolve é também um instrumento relevante para adquirir conhecimentos que a criança acrescenta em sua bagagem cultural, dessa forma, compreende e elabora o mundo em que vive.

Os professores de Educação Infantil que se utilizam dos contos de fadas com as crianças assumem papel fundamental ao posicionar-se de maneira consciente e crítica diante da realidade, participando assim, de transformações significativas que culminam no bem comum.

Ao tratar-se da realidade brasileira, em que a população preta ou parda é maioria de acordo com o censo de 2010 que revela 51% da população de todo território nacional é preta ou parda. No estado do Tocantins a população autodeclarada preta ou parda ultrapassa os 70% e na cidade de Bernardo Sayão os pretos e pardos totalizam mais 68%, então um país de bases colonizadas em que mais da metade da população é preta ou parda, a importância da prática de leitura crítica e consciente, em especial por parte do profissional da educação, é ainda mais evidente e constitui-se ainda em uma problemática.

Os contos de fadas são leituras de fácil acesso, seja por meio dos livros ou dos meios de comunicação de massa, em termos mais amplos, funcionam como animadores ou incentivadores para a aquisição ou desenvolvimento da leitura pelas crianças. É neste sentido que, os valores neles representados ou a falta de representação de personagens negros, configuram-se em um perigo para a formação de leitores por contribuir na perpetuação da prática do preconceito e do racismo na sociedade em que serão protagonistas por não reconhecerem o negro ou o próprio negro não se perceber como participante da identidade nacional.

Professores desde a Educação Infantil precisam atentar-se ao movimento dinâmico que envolve a questão do livro e do leitor. Neste ínterim informar-se, atualizar-se e acompanhar, conscientemente, o processo de libertação do povo vítima de segregacionismo provocado por uma cultura etnocêntrica.

Referências

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil, gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1994.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- CAMPOS, Gleisy Vieira. COUTO, Maria Elizabete Sousa. *Os contos de fadas: a leitura ea construção do imaginário infantil*. UESC. 2009.

GIROUX, Henry A. Os filmes da Disney são bons para os seus filhos? In: STEINBERG, Shiley R.; KINCHELOE, Joe L. (org). *Cultura infantil, a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JOHNSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

RESENDE, Vânia Maria. *Literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Saraiva, 1997.

SILVA, Andreia. (Org). *Racismo como forma de etnocentrismo*. 2007. Disponível em <<https://pt.scribd.com/doc/19195212/Racismo-Como-Forma-de-Etnocentrismo>>. Acesso em: 16 de maio 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, S & WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.